



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

LUCIALDA CESÁRIO DE OLIVEIRA

**DESDOBRAMENTOS SOBRE AVALIAÇÃO ESCOLAR: Desafios
e possibilidades**

ITAPORANGA – PB

2014

LUCIALDA CESÁRIO DE OLIVEIRA

**DESDOBRAMENTOS SOBRE AVALIAÇÃO ESCOLAR: Desafios
e possibilidades.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialistas.

Orientadora: Prof^ª Ires Maria Barbosa Alves

ITAPORANGA - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48d Oliveira, Lucialda Cesario de
Desdobramentos sobre a avaliação escolar: desafios e possibilidades [manuscrito] / Lucialda Cesario de Oliveira. - 2016. 38 p.
Digitado.
Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2016.
"Orientação: Prof. Ms. Ires Maria Barbosa Alves, PROEAD".

1.Aprendizagem escolar. 2.Processo educativo. 3.Avaliação da aprendizagem. I. Título.


21. ed. CDD 371.27

LUCIALDA CESÁRIO DE OLIVEIRA

DESDOBRAMENTOS SOBRE AVALIAÇÃO ESCOLAR: desafios e possibilidades.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em: 29 Novembro de 2014



Profª Ms. Iris Maria Barbosa Alves/UEPB



Prof. Dr. Alex da Silva- UEPB

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus por me dá saúde e perseverança para não desistir dos meus
ideais.

Ao meu esposo e filhos de quem recebi o melhor o amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus nosso senhor, pelos dons que me concedeis a família, a vida, a saúde, a paz e muitos outros; e também, por todas as maravilhas operadas em minha vida.

Ao meu esposo e filhos, estimuladores de minha vontade, muitas vezes abrindo mão de minha presença para chegar a minha vitória, a realizar o meu sonho. Vocês iluminaram meu caminho com a luz mais brilhante que puderam encontrar o amor.

A minha orientadora Íris Barbosa agradeço pelos ensinamentos, atenção, dedicação e paciência que teve comigo. Também para todos os meus professores que contribuíram para a minha formação acadêmica. Por poder contar sempre com eles, pelas palavras de motivação e pela paciência e compreensão que tiveram comigo.

A todos os amigos, especialmente aos de graduação, onde ao longo desse tempo passamos por momentos alegres. Somos diferentes, no rosto, na fala, no jeito.

Mas, nos consagramos irmãos, aprendemos um com os outros. Se nem sempre concordamos isso nos ensina a escutar o outro distinguir as vozes abafadas no meio da multidão.

Que o tempo não consiga apagar os colegas que aqui fizemos de nossas cabeças e corações.

RESUMO

O trabalho intitulado: Tipos de Avaliação tem como objetivo aprofundar os conhecimentos sobre o processo de avaliação da aprendizagem na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Josefa Justino Gomes, na cidade de Pedra Branca. No mesmo, fundamentam-se os estudos sobre a prática avaliativa do processo educativo nas teorias de Luckesi (2002), Sant' Anna (2005), Caldeira (2006), Silva(2001) e demais educadores que vivenciaram esta prática no sistema educacional escolar. A avaliação vista como diagnóstico da aprendizagem, sendo utilizada tanto em descrições qualitativas como quantitativas, sempre foi uma atividade de controle, pois incluem e excluem outros, tomando-se um instrumento de poder e controle constituído pelo sistema educacional. No entanto devem-se buscar urgentemente, ações pedagógicas reflexivas direcionadas para uma avaliação formativa que proporcione ao educando um melhor desenvolvimento de suas potencialidades. Espera-se que esta pesquisa possa auxiliar no trabalho de todos aqueles que fazem parte do processo avaliativo do EEEFM Josefa Justino Gomes, já que na hora de avaliar devem-se tomar medidas de precaução para que não se faça uma avaliação equivocada do educador, respeitando suas características individuais.

Palavras-chave: Aprendizagem. Avaliação. Educando. Processo educativo.

ABSTRACT

The work entitled “Developments about school assessment: challenges and opportunities” aims to deepen the knowledge about the process of learning assessment. Therefore, in addition to theoretical discussions on the subject in question, a questionnaire was applied, with closed and open questions, along with two high school teachers from the theories of Primary and based on the evaluation practice of the educational process in the theories of Luckesi (2002), Sant’Anna (2005), Calderira (2006), Silva (2001) and other educators who experienced this practice in the school education system. Assessment as a diagnostic view of learning, being used both qualitative and quantitative descriptions, has Always been an activity control they include and exclude others, taking an instrument of power and control constituted by the educational system. Turn divided this work into three chapters with the following structure: the first chapter, entitled “Assessment, concepts and principles”, presents a theoretical approach on the studies involving the methods and meanings of evaluation in schools, more precisely the evaluation of the teaching and learning process, on the function, and qualitative and quantitative perspectives of assessment practices, an understanding of four objective elements study. In the second chapter we deal about the mechanisms of evaluation, but focusing on the act of evaluating practiced by the teacher. In the last chapter, we present the results and analysis of the data collection, also involving discussions presented in the first two chapters above. Finally, we believe that one should look urgently reflective pedagogical actions directed to a formative assessment that provides the student a better development of their potential.

Keywords: Teaching and learning. School evaluation. Evaluation practice of teachers.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPITULO I.....	11
1. AVALIAÇÃO: CONCEITOS E CONCEPÇÕES.....	11
1.1 AVALIAÇÃO: Abordar conceitual.....	11
1.2 O “certo” e o “errado” na concepção de avaliação.....	13
1.3 As diretrizes para a avaliação.....	15
1.4 Funções da avaliação.....	15
1.5 As perspectivas da avaliação.....	16
1.6 Avaliações quantitativa x qualitativa: elemento do processo educativo.....	19
CAPITULO II.....	22
2. MECANISMOS DE AVALIAÇÃO.....	22
2.1 O docente frente ao ato de avaliar.....	24
CAPITULO III.....	26
3. COLETA DE DADOS E DISCURSSÃO DOS RESULTADOS.....	26
3.1 Campo de pesquisa.....	26
3.2 Instrumento de coleta de dados.....	26
3.3 Análise dos dados e posicionamentos.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	33
APÊNDICES.....	34

INTRODUÇÃO

A avaliação da aprendizagem escolar é uma atividade didático/pedagógica permanente e necessária ao trabalho docente, pois é através desse instrumento que acontece o acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem. E nessa dinâmica é que vão sendo comparados os resultados obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos, conforme os objetivos estabelecidos, com a finalidade de verificar os progressos e dificuldades, bem como orientar o trabalho para as possíveis e necessárias soluções.

A avaliação, nesse contexto, insere-se não só nas funções didáticas, mas também na própria dinâmica e estrutura do processo de ensino e aprendizagem. Assim, a avaliação escolar está para analisar e compreender o processo de ensino e aprendizagem, para ajudar na elaboração da proposta pedagógica da escola e garantir que ela seja colocada em prática, isto é, fazer para compreender e compreender para fazer a prática escolar de acordo com a realidade na qual a escola está inserida, buscando fundamentar o trabalho pedagógico nos princípios de reflexão sobre suas práticas pedagógica.

Nesse sentido, o presente estudo traz uma análise sobre os métodos aplicados nos processos de avaliação utilizados pelos professores da Escola Fundamental e Médio Josefa Justino Gomes. Para tanto, fizemos uso de questionário, com perguntas abertas e fechadas, direcionado a dois professores do Ensino Médio.

Assim, buscamos vislumbrar os tipos de avaliação que são realizadas naquela escola pública, tentando perceber se essas avaliações se apresentam eficazes no processo de desenvolvimento cognitivo por parte dos alunos ou se elas se tornam meramente uma atividade didático/pedagógica quantitativa. Por conseguinte, compararmos os resultados obtidos com as observações realizadas e as respostas contidas nos questionários direcionados aos docentes.

Por sua vez, dividimos este trabalho em três capítulos com a seguinte estrutura: o primeiro capítulo, intitulado “Avaliação, conceitos e concepções”, apresenta uma abordagem teórica acerca dos estudos que envolvem os métodos e significados da avaliação no âmbito escolar, mais precisamente da avaliação do processo de ensino e aprendizagem, sobre as funções e perspectivas qualitativas e quantitativas das práticas avaliativas, objetivando uma compreensão do nosso elemento de estudo.

No segundo capítulo tratamos acerca dos mecanismos de avaliação, porém nos concentrando no ato de avaliar praticado pelo docente.

No último capítulo, apresentamos os resultados e análise da coleta de dados, envolvendo, também, as discussões presentes nos dois primeiros capítulos supracitados. Aqui apresentamos nosso posicionamento acerca dos processos de avaliação praticadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Josefa Justino Gomes, especificamente a partir do ponto de vista dos dois professores que tiveram seus discursos investigados.

Portanto, nosso trabalho se torna profícuo para os docentes em geral refletirem sobre as práticas avaliativas, que muitas vezes se tomam meras atividades didático/pedagógicas para expressar quantitativamente o conhecimento obtido pelos discentes, expressando equivocadamente uma qualidade ou não dos métodos de ensino utilizados pelos professores. Nesse sentido, a avaliação se torna o elemento central quantitativo do ensino realizado na e pela escola, necessitando de análises e reflexões que ajudem a tomá-las eficazes no processo educacional dos educados, ou seja, que permita, também, a ação qualitativa da avaliação.

CAPÍTULO I – AVALIAÇÃO, CONCEITOS E CONCEPÇÕES

1.1. AVALIAÇÃO: ABORDAGEM CONCEITUAL

A avaliação se faz presente no cotidiano de cada ser humano, durante sua trajetória de vida, desde que nascemos até o momento de não existirmos mais. O ato de julgar, comparar e avaliar é pertinente ao ser humano.

Sabe-se que há vários conceitos de avaliação. Luckesi (2002, p. 34), por exemplo, nos mostra o significado qualitativo da avaliação, quando diz que: “o processo avaliativo é um juízo de valor sobre dados relevantes, objetivando uma decisão. Ou seja, avaliação implica num valorativo que expressa à qualidade do objeto, obrigando, conseqüentemente, a um posicionamento efetivo sobre o mesmo”.

Nesse sentido, a avaliação assume uma função de verificar em que medida os objetivos propostos para o ensino-aprendizagem estão sendo atingidos, impondo, assim, um posicionamento objetivo. Caldeira (2006, p. 122) concebe a avaliação escolar como sendo:

Um meio e não um fim em si mesmo; está delimitada por uma determinada teoria e por uma determinada prática pedagógica. Ela não ocorre num vazio conceitual, mas está dimensionada por um modelo teórico de sociedade, de homem, de educação e, conseqüentemente, de ensino e de aprendizagem, expresso na teoria e na prática.

A educação no Brasil, até pouco tempo, preocupava-se demasiadamente com a transmissão de conteúdo e a reprodução dos mesmos, vendo esse lado como desenvolvimento do aspecto cognitivo, quando na verdade o referido aspecto não se restringe apenas a isso. Assim, a avaliação se tomou um dos elementos centrais para expressar a eficácia da relação ensino-aprendizagem. Entretanto, ela não deve ser vista como o único meio para isso, nem tampouco como uma verdade absoluta acerca do resultado do aprendizado por parte dos discentes e/ou da eficácia metodologia de ensino do professor.

Percebe-se na educação escolar o instrumento da avaliação, que se entende complexo por exigir o cumprimento de uma finalidade, devendo ser analisado em vários aspectos, suscitando uma reflexão acerca de concepções que lhe causam influências práticas.

Na argumentação de Reboul (*apud* SOUSA, 2000, p. 62-63), “uma primeira providência na avaliação da aprendizagem é o aprender que significa algo passageiro, ou duradouro, no comportamento do ser, pois não é uma ação passiva, e sim um ato que se

exerce sobre si mesmo”. O objetivo de uma avaliação autêntica consiste não em reduzir, mas em resolver situações, reelaborar conhecimentos. Cabe ao professor proporcionar meios aos alunos para vivenciarem a solucionar situações-problema, para que o aprender adquira significado.

Constata-se que a cada ano surgem novas propostas de avaliação implantadas pelos cursos e pelos sistemas educacionais. A contribuição da avaliação é decisiva no trabalho dos educadores que debatem sobre os termos da avaliação, ficando sob suas responsabilidades o nível do desempenho do aluno, desde a educação fundamental até o seu ingresso no ensino superior.

O ensino brasileiro, ao longo dos tempos, vem passando por mudanças no que diz respeito à avaliação, segundo Luckesi (2002, p. 29-30):

O sistema educacional brasileiro vem desenvolvendo ao longo dos tempos, uma forma de verificar o aprendizado do educando através da avaliação, prática esta que está instrumentalizada no entendimento liberal que norteou as ações revolucionárias da Revolução Francesa.

Sabe-se que a avaliação é um processo didático necessário e, por isso, comum entre docentes em todos os níveis de ensino, pois ajuda no processo de ensino-aprendizagem, por ser organizada através de dados por meio da qual se determinam as mudanças no comportamento dos alunos e em que grau essas mudanças cognitivas ocorreram. Desta forma, a avaliação deve ainda propiciar ao educando desenvolvimento da autocrítica e da autoavaliação e, fundamentalmente, considerar os fatores sociais que interferem ao rendimento escolar.

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista a complexidade que envolve o conceito da avaliação de aprendizagem, por ser um tema necessário relevante e que se torna polêmica não só em sala de aula, mas também como é compreendido socialmente de forma homogênea, pois se tem a ideia de que a avaliação segue um modelo de perguntas e respostas capazes de quantificar o conhecimento do educando.

Sant’Anna (2005) entende que a avaliação serve também como instrumento para o professor melhorar sua prática docente e aprendizagem do aluno. A esse respeito o autor afirma que:

O crescimento profissional do professor depende de sua habilidade em garantir evidências de avaliação, informações e materiais, a fim do constantemente melhorar seu ensino e a aprendizagem do aluno. Ainda, a avaliação pode servir como meio de

controle de qualidade para assegurar que cada ciclo novo de ensino-aprendizagem alcance resultados tão bons ou melhores que os anteriores. (p. 29)

A avaliação é uma prática pela qual se procura identificar, analisar e investigar as variações do acompanhamento e rendimento do aluno, do educador e do sistema, confirmando como se processou. Dessa forma, a avaliação é conscientização da ação educativa, e esse processo contínuo serve para constatar o que está sendo construído e assimilado pelo aluno e o que está em via de construção.

Sant'Anna (2005, p. 39) ainda nos diz que:

Tomando a avaliação como instrumento relevante na aprendizagem, encontram-se as seguintes funções: **1) avaliação diagnóstica** – a qual identifica as causas de repetidas dificuldades na aprendizagem, observando o comportamento cognitivo e psicomotor de aluno, realizada no início de um semestre, ano letivo ou curso, ou ainda quando durante o ensino o aluno percebe incapacidade em seu desempenho, sendo feita através de instrumento elaborado pelo professor. **2) avaliação classificatória** – consiste em classificar os alunos ao fim de um semestre, ano ou curso, conforme aproveitamento (grifo nosso).

A Avaliação não deve ter como essencial objetivo requerer ou reter o aluno, e sim ser um instrumento de interação do processo-aprendizagem, fazendo com que cada realização redirecione os objetivos e as estratégias desse processo. Por isso, a avaliação deverá assumir na prática escolar um significado diferente daquele que historicamente tem sido atribuído às provas, ou seja, o sentido de punição e de pressão psicológica, de ameaça, e, até, vingança em relação à postura (in)disciplinar do aluno ou da classe.

Para tanto, o aluno deve ter na avaliação um instrumento de medida de sua evolução no processo de conhecimento; sentir-se responsável no processo de aprendizagem, pois é ele quem aprende a se auto avaliar durante as interações existentes entre ele e o novo saber.

1.2. O “CERTO” E O “ERRADO” NA CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO

O processo avaliativo deve refletir, segundo Sousa (1994, p. 15), “uma concepção de mundo, indivíduo e sociedade, que condiciona a tomada de decisões um plano educacional, norteando o fazer pedagógico na escola e na sala de aula”.

O processo avaliativo envolve mitos e preconceitos que precisam ser desvelados e superados. Para tanto, é necessário buscar o atendimento que revela, bem como se expressa de tal maneira, já que esse é uma prática que, segundo Saul (1997, p. 19), “tem uma dimensão política que pode reproduzir ou transformar uma sociedade, não sendo um processo técnico,

nem desprovido de intencionalidade”. Ou seja, a prática avaliativa está estreitamente ligada a um modelo teórico social traduzido em prática pedagógica.

Por sua vez, para Sousa (1993, p. 511) “a história da avaliação de aprendizagem teve seu início como medida”. Ou seja, o autor aponta que o surgimento da avaliação de aprendizagem teve seu início no intuito de medir ou mesmo de comparar, a de medir conhecimento e classificar ou eliminar de acordo com parâmetros impostos.

O “Estudo de oito anos”, realizado por Tyler e Smith (1949), defendia a inclusão de uma variedade de procedimentos avaliativos, tais como: testes, escalas de atividades, inventários, questionários, ficha de registro e outras formas de coletar evidências sobre o rendimento dos alunos com relação à consecução dos objetivos curriculares. Nesse sentido, abre-se um leque de possibilidades avaliativas, que não seguem um modelo homogêneo, permitindo que os docentes observem seus alunos a partir de vários ângulos, proporcionando, dessa forma, maiores detalhes sobre as dificuldades e/ou facilidades de aprendizagem por parte dos alunos. Nesse sentido, o processo avaliativo é visto e usado como um instrumento de poder que irá identificar e julgar o conhecimento adquirido pelo aluno, de acordo com objetivos estabelecidos pelo currículo.

A trajetória da avaliação educacional no Brasil teve seu início com a necessidade de ser revista, partindo da compreensão dos pressupostos teórico-metodológicos que se colocavam em diferentes modelos de avaliação.

No início do século XX, Sousa (1993, p. 27) mostra que o processo avaliativo era “de modo sistematizado, a realização de estudos, [...] voltados particularmente para a mensuração de mudanças do comportamento humano”. Atualmente, a avaliação se tomou um ato restrito pela escola com o intuito de medir o conhecimento adquirido ou mesmo acumulado pelo aluno. O termo avaliar tem sido constantemente associado a expressões como: fazer provas, fazer exames, atribuir notas, repetir ou passar de ano.

O oposto desse modelo tradicional vem sendo defendido pelos teóricos como Demo (1987), Hoffmann (2001), Luckesi (1997, 2001), Saul (1995, 1997) e Sousa (1993, 1994), que defendem uma visão crítica e transformadora da educação, incluindo todo o processo entre eles e o momento de avaliação. Entendem a avaliação como um momento de problematização, questionamento e reflexão sobre a ação pedagógica e todas as etapas que ela envolve.

1.3. AS DIRETRIZES PARA A AVALIAÇÃO

Uma vez adotado o modelo democrático de avaliação, que seria a análise do objeto avaliado por meio de procedimentos e instrumentos apropriados para a coleta de parâmetros e indicadores, para obter um bom conceito e delimitações sobre avaliação não se pode negligenciar o correto preenchimento dos seus indicadores. Deve-se analisar o objeto avaliado para dele se extraírem dados que permitam determinar com precisão se ele coincide com o modelo adequado ou até que ponto dele se aproxima ou se afasta.

Por conseguinte, o “novo sistema de avaliação”, segundo LDB (*apud* HOFFMAN, 1996, p. 33), aponta formas de como organizar esse processo de avaliação de aprendizagem nas escolas:

Art. 23. A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudo, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recompensar. (...) Art. 24. V – a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

A - a avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;

C - possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;

D - Aproveitamento de estudos concluídos com êxito;

E - Obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos.

A participação popular ativa e decisiva na construção dos instrumentos e procedimentos apropriados para efetivação do processo avaliativo é uma alternativa válida e necessária para a real compreensão do modelo “ideal” de avaliação, podendo assim contribuir para o aperfeiçoamento do sistema de ensino.

1.4. FUNÇÕES DA AVALIAÇÃO

Segundo Sant’Anna (1995, p. 39), na avaliação da aprendizagem tem-se as seguintes funções:

Função diagnóstica objetiva:

- Verificar se o aluno apresenta ou não determinados conhecimentos ou habilidades necessárias para aprender algo novo (pré-requisitos);

- Identificar, discriminar, caracterizar as causas determinantes das dificuldades de aprendizagem ou essas próprias dificuldades para uma prescrição;
- Comprovar as hipóteses sobre os quais se baseia o currículo;
- Obter informações sobre o rendimento do aluno.

Função formativa ou de controle:

- Informar ao aluno e ao professor sobre os resultados que estão sendo alcançados durante o desenvolvimento das atividades;
- Melhorar o ensino e aprendizagem. Localizar, apontar, discriminar deficiências, insuficiências, no desenvolvimento do ensino-aprendizagem para eliminá-los;
- Propiciar *feedback* de ação (leituras, explicações, exercícios, e etc.);
- Classificar o aluno segundo o nível de aproveitamento ou rendimento alcançado;
- Buscar uma consciência coletiva quanto aos resultados alcançados.

Estando essas funções integradas na prática da ação avaliativa e esta ação sendo um processo dinâmico, não se deve limitar a prova, teste ou notas, e sim incentivar a uma prática que venha instigar a coletividade, conversações, curiosidades e questionamentos, sobre a ação educativa.

Ainda refletindo as funções de acordo com Libâneo (1994), a avaliação escolar cumpre pelo menos três funções: pedagógico-didática, de diagnóstico e de controle. A função pedagógico-didática se refere ao papel da avaliação no cumprimento dos objetivos gerais e específicos da educação escolar. A função de diagnóstico permite identificar progressos e dificuldades dos alunos e a atuação do professor que, por sua vez, determinam modificações do processo de ensino para melhor cumprir as exigências dos objetivos. A função de controle se refere aos meios e a frequência das verificações e de qualificação dos resultados escolares, possibilitando o diagnóstico das situações didáticas.

No tocante ao processo de ensino-aprendizagem, o autor descreve as funções de avaliação, fundamentando-se no cumprimento dos objetivos propostos e nos resultados obtidos e analisados eficazmente no processo da avaliação.

1.5. AS PERSPECTIVAS DA AVALIAÇÃO

Dentro desse campo vasto e complexo que é a ação avaliativa, deve-se ter por base as perspectivas de avaliação classificatória (Luckesi), avaliação diagnóstica (Luckesi), avaliação emancipatória (Saul), avaliação mediadora (Hoffmann) e na perspectiva da avaliação qualitativa (Demo).

Na visão de Luckesi (1995, p. 35), “a função classificatória da avaliação constitui-se num instrumento estático e frisador do processo de crescimento”. Dessa forma, a avaliação torna-se um objeto imóvel, retendo, assim, o processo de crescimento da ação avaliativa que aplica num processo contínuo e constante.

Segundo Luckesi (1995, p. 35) “avaliação diagnóstica constitui-se num momento dialético do processo de avaliação no desenvolvimento da ação, do crescimento para a autonomia e crescimento para a competência, etc.”. Percebe-se aqui que o autor coloca a avaliação como um processo incessante e progressivo no crescimento da autonomia e da competência no processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Ramão (2003, p. 38):

A avaliação da aprendizagem deve ter sempre uma finalidade exclusivamente diagnóstica, ou seja, ela se volta para o levantamento das dificuldades dos discentes, com vistas à correção de rumos, à reformulação de procedimentos didático-pedagógico, ou até mesmo, de objetivos e metas.

Essa forma de investir provocará efeitos produtivos diferente do efeito de questões feita de maneira casual sem entendimento dos conhecimentos e atividades de quem aprende, podendo prejudicá-la e torná-la insegura sobre as suas construções pessoais. Sendo assim, cabe a quem ensina organizar as oportunidades de contatos com atos referentes a esses conhecimentos, permitindo a quem aprende refletir e descobrir nessas ações.

Observa-se que o autor, a princípio, dá ênfase a situação em que o educando se encontra, referindo-se ao meio social em que está inserido, destacando a qualidade em todos os termos a serem avaliados no processo de ensino-aprendizagem.

Tratando-se da perspectiva da avaliação emancipatória, Saul (1995, p. 61), define que:

A avaliação emancipatória caracteriza-se como um processo de descrição, análise e crítica de uma dada realidade, visando transformá-la. (...) O compromisso principal desta avaliação é o de fazer com que as pessoas direta ou indiretamente envolvidas em uma ação educacional escrevam a sua “própria história” e gerem as suas alternativas de ação.

Diante disso, pode-se observar a avaliação emancipatória, como seu nome já enfatiza, torna-se um instrumento independente, onde o indivíduo (que participa de uma ação educacional) exerce um papel ativo no processo de elaboração de propostas que venham interferir diretamente ou indiretamente na ação avaliativa.

Na perspectiva da avaliação mediadora, Hoffmann (2001, p. 67) coloca o seguinte:

A ação avaliativa é como uma das mediações pela qual se encorajaria a reorganização do saber. Ação, movimento, provocação, na tentativa da reciprocidade intelectual entre os elementos da ação educativa. Professor e aluno, buscando coordenar seus pontos de vistas, trocando ideias [sic], reorganizando-as.

Nesse sentido, o processo de mediação possibilita ao educando e ao educador uma inter-relação, tomando-se um canal de interação entre os mesmos no âmbito de adquirir e transmitir conhecimentos.

Na perspectiva de avaliação qualitativa, Demo (1941, p. 07) ressalta que “a avaliação qualitativa é um processo educativo autêntico, precisamente por não colocar a relação mestre/discípulo, mas mestre/mestre, onde ambos os lados se educam se autoeducam”.

Muitas vezes ocorre um desvio no ato da avaliação, usando-a como punição contra os alunos, onde o absoluto poder de aumentar ou baixar notas se constitui numa “arma pedagógica” para certos professores, por desconhecerem alternativas para incentivar o aluno a estudar.

Diante disso, os alunos não se preocupam necessariamente com a própria aprendizagem, mas em adquirir notas que lhes garantam o sucesso escolar, conduzindo-os de uma série para outra e o boletim passa a ser visto como um atestado da “importância” intelectual.

Segundo Luckesi (1997, p. 18), “o que predomina é a nota: não importa como elas foram obtidas nem por quais caminhos”. Essa ideia parte do princípio de que o conhecimento é algo abstrato, portanto não pode ser medido ou pesado e as escolas o avaliam como se fosse um objeto concreto que estivesse numa hora determinada para se manifestar.

Segundo Lima (1998, p. 92), “não deve haver horas específicas de verificação, pois todo momento é a ocasião de apreciar o rendimento”. Assim, a avaliação é vista como um ato constante, tomando-se de maior benefício para ambas às partes envolvidas no processo. Portanto, se trata de uma avaliação contínua que prioriza algumas atividades realizadas pelo aluno durante o processo de ensino.

Considera-se o ato de avaliar, segundo Hofmann (1995, p. 17), “essencial e indissolúvel à educação, enquanto concebido como problematização, questionamento, reflexão sobre a ação”. Nesse sentido, o fenômeno avaliativo deve subsidiar o professor para refletir constantemente sobre a sua própria prática.

A avaliação deve servir na análise de suas conquistas, superação das dificuldades e possibilidades de crescimento na aprendizagem. Para a instituição escolar possibilitar a

definição das prioridades ou aspectos do processo ensino-aprendizagem, é exigido maior atenção e apoio.

Portanto, é imprescindível redefinir o processo avaliativo, no qual a mola mestra para o desenvolvimento dessa proposta é a reflexão consciente da própria ação pedagógica e, além disso, para que os sujeitos envolvidos diretamente no processo (professores e alunos) sejam capazes de criticamente desenvolverem suas ações em conjunto, no sentido de efetivar realmente o processo de ensino-aprendizagem de qualidade.

1.6. AVALIAÇÃO QUANTITATIVA X QUALITATIVA: elementos do processo educativo

A avaliação e sua prática são consideradas, muitas vezes, como um fim para verificar se o aluno está capacitado a atender determinadas exigências das disciplinas. Percebe-se que às vezes os professores não se preocupam em inovar, criar novos métodos, continuando usando as provas com o objetivo de observar se o aluno está apto ou não.

Percebe-se a complexidade da avaliação e seus efeitos no campo pedagógico, psicológico, cognitivo e efetivo. Quando distorcida de sua finalidade, os profissionais em educação tentam fazê-la menos coercitiva e adaptá-la a uma pedagogia que valorize não só a reprodução do conteúdo assimilado, mas que o educando, ao obter o conhecimento, possa seja capaz de desenvolver o senso crítico, reelaborando-o e resolvendo situações no seu cotidiano.

Com essa visão, a aplicação da avaliação pode ser realizada priorizando-se o tempo e a continuidade no ensino-aprendizagem, através da avaliação contínua, que tem como componente a avaliação formativa, cuja intenção é contribuir para melhorar a aprendizagem, fazendo com que o professor possa alcançar o objetivo das práticas correntes das aprendizagens durante o ano escolar.

A partir da década de 1960, surgem inúmeras críticas sobre os modelos e práticas da avaliação nas escolas, verificando-se um rápido desenvolvimento de enfoques de avaliação alternativo como pressupostos éticos epistemológicos e teóricos bem diferentes, como reação às concepções tecnicista e quantitativa da avaliação. De acordo com Saul (1988, p. 45-46), na busca de alternativa para a avaliação escolar...

(...) produziu-se um acelerado desenvolvimento do interesse sobre a perspectiva chamada de avaliação “qualitativa”. Esse movimento deveu-se em grande parte ao reconhecimento de que os testes padronizados de rendimento não ofereciam toda a informação necessária para compreender o que os professores ensinavam e o que os

alunos aprendem. (...) Há uma preocupação em compreender o significado de produtos complexos a curto e em longo prazo, explícitos e ocultos, o que requer uma mudança de orientação, uma troca de polo: da ênfase nos produtos à ênfase no processo.

A avaliação é uma atividade permanente no trabalho do professor, acompanhando passo a passo no processo ensino aprendizagem, onde se é possível avaliar os resultados dos alunos, comparando-os aos objetos propostos, averiguando-se os avanços e dificuldades. Os resultados da avaliação são transformados em notas ou conceitos, no entanto, não se resumem apenas às provas transformadas em notas. Estas servem apenas para análise qualitativa a fim de observação, onde o conceito de avaliar para qualificar exige que a questão metodológica da avaliação seja tratada com pluralidade e maior flexibilidade. Contudo, em relação ao processo de avaliação qualitativa no cotidiano escolar, Esteban (2003, p. 27) assinala:

Não obstante a crítica ao modelo quantitativo e a redefinição das práticas em consonância às novas perspectivas teórico-metodológicas apresentadas, a avaliação qualitativa continua sendo uma prática classificatória. Vemos na escola, as provas únicas com questões objetivas serem substituídas por testes e provas distribuídas ao longo de um período letivo trazendo questões mais abertas, que solicitam opiniões e reflexões dos estudantes, que propõem o estabelecimento de questões mais amplas. As questões pretendem estimular uma maior participação do sujeito que aprende na elaboração de respostas e captar o processo de aprendizagem; os exames passam a ser complementados pela observação da professora sobre o movimento dos alunos e alunas que aprendem.

A avaliação não deve ser trabalhada de uma forma isolada, e sim de uma forma clara e objetiva, conectada ao processo de ensino e aprendizagem no dia-a-dia, onde a verificação prévia dos conhecimentos do aluno, conteúdos estudados e objetivos propostos possibilitarão avanços ou retroceder nos planos de ensino. Por isso, devem ser aplicados instrumentos e técnicas diversificadas, para verificar os conhecimentos adquiridos, respeitando as capacidades de cada aluno. Seve ainda para informar ao professor se o seu trabalho está sendo claro ou deve ser revisto, mudando suas atitudes e metodologias.

Após uma avaliação, os alunos devem conhecer o quanto antes seus acertos e erros, para então reforçar as respostas certas, sanar as deficiências e corrigir os erros. Assim, há evidências de que a vertente qualitativa da avaliação introduz aspectos que nos conduzem à reflexão epistemológica sobre a práxis da avaliação escolar, pois embora a prática pedagógica permaneça, Demo (2004, p. 156) declara:

A avaliação pretende ultrapassar a avaliação quantitativa, sem dispensar esta. Entende que no espaço educativo os processos são mais relevantes que os produtos, não fazendo jus à realidade, se reduzida apenas às manifestações empiricamente mensuráveis. Estas são mais fáceis de manipular metodologicamente, porque a tradição científica sempre privilegiou o tratamento mensurado da realidade, avançando, por vezes, de maneira incisiva em algumas disciplinas sociais, como a economia e psicologia. Todavia, não se pode transferir à limitação metodológica a pretensa redução do real. Este é mais complexo e abrangente do que sua face empírica. A avaliação qualitativa gostaria de chegar até à face qualitativa da realidade, ou pelo menos de se aproximar dela.

Desta análise, pode-se depreender que embora não se possa negar a incorporação da abordagem qualitativa como um avanço na proposta de avaliação escolar, ela ainda não é suficiente para a reconstrução global da práxis avaliativa. É necessário na avaliação dos educados darem-se ênfase ao seu crescimento de forma integral e ajudá-lo a aprender a se autoavaliar e buscar novos caminhos para sua realização com sabedoria e responsabilidade.

Sobre o assunto, segundo Esteban (2001, p. 122):

A concepção qualitativa e quantitativa mantém o sujeito individualizado e não consideram a dimensão social da constituição da subjetividade, de suas características peculiares, de suas possibilidades, de suas dificuldades, etc.; conservaram a concepção de que é necessário harmonizar o indivíduo às condições postas.

O compromisso do educador deve, portanto, estar orientado para o acompanhamento do processo de construção do educando numa postura epistemológica que privilegie o entendimento e não a memorização.

O professor precisa ser um pesquisador atualizado, pois é preciso buscar outros conhecimentos sempre, caso contrário não conseguirá dar conta da complexidade que acontece no dia-a-dia em sala de aula. Por essa razão, considera-se que a implementação de políticas educativas, aliada a uma atuação pedagógica, atende a conflitos, contradições, fissuras, fragmentos, vozes que contribuem o panorama escolar, podendo dar novos sentidos a práxis da avaliação.

A avaliação deve ser empregada a fim de que o professor tenha um indicador de aprendizagem que possa orientar o seu trabalho. Não cabe ao professor querer, através da nota, avaliar a “capacidade”, a pessoa, o ser do aluno. O importante é não deixar que a nota venha distorcer e atrapalhar o trabalho de formação do aluno por parte do professor.

CAPITULO II – MECANISMOS DE AVALIAÇÃO

Ao mencionar o termo avaliação do processo ensino-aprendizagem, refere-se à verificação do nível de aprendizagem dos alunos, ou seja, o que os alunos aprenderam.

Muitas vezes, a avaliação é colocada como uma forma de se manter o poder nas mãos do professor e da escola. Isso porque eles não conseguem manter a disciplina através do diálogo e do respeito, e por isso usam dos poderes da avaliação para fazer silenciar, aplicando aos alunos provas-surpresa, com a finalidade de puni-los por seu comportamento. Torna-se necessário que exista entre professores e alunos o respeito recíproco, e, para que esse respeito seja adquirido, é imprescindível o desenvolvimento de habilidades e competências tão indicadas pelos sistemas de ensino ao longo do processo histórico.

Os critérios de avaliação são importantes como referência para o julgamento, pois depende dos valores do professor e de como este vê a vida. Luckesi (*apud* SOUSA, 2000, p. 68), diz que:

A avaliação não poderia ser praticada sobre dados inventados pelo sujeito, pois poderá acontecer de nada estar sendo avaliado, ou de estar enganando a si e aos outros. Para aplicação dos critérios não existe padrão, pois este, porém, deve ser considerado e explícito, levando em conta a qualidade de aprendizagem do aluno.

Tendo-se o educando como centro do processo educativo de ensino-aprendizagem, os docentes desenvolvem sua ação na prática avaliativa com consciência dos problemas que a avaliação da aprendizagem causa no atual sistema da educação brasileira. Portanto, a avaliação será eficiente e eficaz se acontecer de forma interativa entre professor e alunos, pois ambos caminham na mesma direção, em busca dos mesmos objetivos, ou seja, o aluno não será um indivíduo passivo, e o professor, a autoridade que decide o que o aluno precisa saber e a avaliação escolar se processará numa inter-relação educativa do professor, onde o professor não irá investigar, problematizar, já que juntos avaliarão o sucesso das novas descobertas e pelos erros constatar as melhores alternativas para superá-los.

O processo avaliativo deve refletir uma concepção de mundo, indivíduo e sociedade, que condiciona a tomada de decisão num plano educacional, norteador o fazer pedagógico na escola e na sala de aula.

Segundo Silva (2001, p. 43):

Uma melhor maneira de o professor corrigir os erros dos alunos é estar atento como ele constrói seu conhecimento, suas hipóteses, suas competências. Questiona também o educador quando o mesmo faz do erro fonte de castigo, o aluno deixa de criar hipóteses, de se arriscar, com medo de ser punido, isso favorece a formação omissa, não críticas, não criativas.

A maneira dos sistemas de ensino público baseia-se na avaliação escolar, ligada à pedagogia tradicional, que nada mais é do que um entendimento teórico e conservador da sociedade e da educação. O docente desempenha um papel central no processo educativo, usando raciocínio lógico para conduzir o conhecimento ao aluno, do qual se espera uma atividade receptiva dos conteúdos ensinados.

No entanto, a avaliação deve ser entendida como um conjunto de ações que auxiliam o professor a refletir sobre as condições de aprendizagem oferecidas, readequadas e ajustando sua prática às necessidades dos alunos, pois tem o caráter de acompanhar as conquistas e dificuldades do mesmo ao longo do processo de aprendizagem. Desta forma, o professor deve compartilhar com as crianças as suas observações, sensibilizando seus avanços e possibilidades de superação às dificuldades.

O professor, ao avaliar, deverá ter em vista o desenvolvimento integral do aluno. Deve considerar também os resultados obtidos, ao final, com a sondagem inicial, observando o esforço do aluno de acordo com suas condições permanentes e temporárias, constatará o que ele alcançou e quais as suas possibilidades para um trabalho futuro. (SANT'ANNA, 2005, p. 35)

O professor, ao utilizar a avaliação como um recurso para o educando certificar seu crescimento, estará permitindo ao aluno tomar-se um aprendiz crítico, capaz de avaliar as contribuições feitas pelos outros, estará oportunizando ao aluno conhecimentos relevantes para a solução de problemas, estará oferecendo condições para o aluno ser criativo e livre, além de capaz e responsável por suas iniciativas. Apenas o aluno deve ser submetido a um processo de avaliação para detectar se o mesmo absorveu de forma ideal esses saberes. Sabemos hoje que a discussão sobre tipos de avaliações devem ocorrer a partir de uma discussão acerca das políticas de construção dos currículos. A avaliação não deve ser pensada como um aspecto da pedagogia isolada das questões de poder e saber, ou seja, das questões político-sociais e ideológicas; não deve ser encarada apenas como uma questão cognitiva.

Para Méndez (2002, p. 29), “ao indagar a respeito do objetivo da avaliação, ou sobre o porquê e para quê avaliar, sustenta que a resposta nos remete, necessariamente, ao sentido que tenha o conhecimento ou que a ele seja atribuído”.

O conhecimento deve ser o referente teórico que dá sentido global ao processo de realizar uma avaliação, podendo diferir segundo a percepção teórica que guia a avaliação. Aqui está o sentido e o significado da avaliação e, como substrato, o da educação. (MÉNDEZ, 2002, p. 29)

Portanto, de acordo com essa citação, percebe-se que a avaliação está estritamente ligada à natureza do conhecimento, e uma vez reconhecida esta natureza, a avaliação deverá ajustar-se a ela se quiser ser fiel e manter a coerência epistemológica.

Nessa direção, pode se partir do pressuposto de que a avaliação, como prática escolar, não se dá num vácuo conceitual, mas é dimensionada por um modelo teórico de mundo, de ciência e de educação, traduzida em prática pedagógica.

Uma vez adotado o modelo “ideal” de avaliação, efetua-se análise no objeto avaliado, por meio de procedimentos e instrumentos apropriados, para a coleta de parâmetros e indicadores. Para obter um bom conceito e delimitações sobre avaliação, não pode negligenciar o correto preenchimento dos indicadores citados anteriormente. Deve-se analisar o objeto avaliado, para dele se extraírem dados que permitam determinar, com precisão, se ele coincide com o modelo adequado ou até que ponto dele se aproxima ou se afasta.

A participação popular ativa na construção dos instrumentos e procedimentos apropriados para efetivação do processo avaliativo é uma alternativa válida e necessária para a real compreensão do modelo “ideal” de avaliação, podendo, assim, contribuir para o aperfeiçoamento do sistema de ensino.

2.1. O DOCENTE FRENTE AO ATO DE AVALIAR

Educar é transformar e sofrer transformações é transgredir e passar de limitações no sentido de descobrir e sistematizar suas descobertas. Consideravelmente, é uma ação oblíqua e recíproca.

No âmbito de transformar e ser transformado, o indivíduo é provido da relação com o meio e da interação com a escola, com o aluno e a comunidade, onde a interação e a relação coletiva é o bojo para o seu crescimento. No momento que o educador se autoavalia e reflete suas ações, ele passa a ser facilitador da ação educativa.

Avaliar é conhecer minuciosamente o indivíduo, é analisar e constatar todo o contexto do educando no sentido de promover o processo de aprendizagem. A avaliação é precisamente excludente e classificatória se não for utilizada em seu real sentido. O professor

como facilitador do processo ensino-aprendizagem deve observar se está desenvolvendo efetivamente o processo avaliativo.

De acordo com Vasconcellos (1998, p. 52):

O problema não é só o fato de existir uma lógica excludente, mas sobretudo a incorporação dessa lógica pelos sujeitos, inseridos em estruturas (organizações dos espaços, leis, horários, programas) impregnados do mesmo espírito, (...) tendo em vista a lógica reprodutora instalada, a cultura tradicional de avaliação, que faz com que acabemos assumindo, amiúde, o papel de “medidores”, verificadoras, fiscais, juízes, e não de autênticos educadores.

Nesse sentido, o processo avaliativo é visto como um sistema incorporado ao sujeito, onde o objetivo é excluir o indivíduo numa lógica classificatória. Não se deve efetuar a avaliação para “lesar” o aluno, tão pouco se deve praticar para prejudicá-lo indiretamente, quando direcionada para eliminá-lo. Segundo Romão (2003, p. 87):

Em nosso sistema escolar usa-se também corriqueiramente a expressão “recuperação do aluno”. A expressão está carregada de uma conotação pedagogicamente negativa, pois evoca que o “perdido” é o aluno e ele necessita ser “recuperado”.

De acordo com essa perspectiva, observa-se que “esse” sistema “automaticamente” é incorporado no processo de ensino-aprendizagem através do facilitador (professor), que resulta num ritual burocrático, que é desenvolvido para atender uma exigência formativa alimentando, assim, o processo de construção da cultura do fracasso que é internalizado no aluno.

Libâneo (1994, p. 202) afirma que “a avaliação é, também, um termômetro dos esforços do professor. Ao analisar os resultados do rendimento escolar dos alunos, obtêm informações sobre o desenvolvimento do seu próprio trabalho”. Portanto, a avaliação é um dos instrumentos do sistema de ensino-aprendizagem, tendo uma concepção relevante, por se tratar de um processo amplo e oblíquo no que se refere à relação professor-aluno. A avaliação norteia o trabalho do professor no momento que dá subsídio para avaliar e se autoavaliar e reformular sua didática elaborada e todo o processo de ensino-aprendizagem, quando necessário.

CAPITULO III – COLETA DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A presente pesquisa é de caráter bibliográfico e de campo, com abordagem analítico-descritiva, enfocando um dos temas mais polêmicos que permeia a Educação: avaliação escolar. A revisão bibliográfica foi feita através de livros e publicações pertinentes ao tema, além de artigos científicos e pesquisas realizadas na internet.

3.1. CAMPO DE PESQUISA

O presente estudo foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Josefa Justino Gomes, enfocando os problemas que abrangem o processo de avaliação, um dos temas mais importantes do processo de ensino-aprendizagem, devendo ser compreendido como item integrante e essencial ao processo educacional.

A referida escola, campo de pesquisa, está localizada na Av. Prefeito Ivo Pinto Ramalho, Bairro Bela Vista, no município de Serra Grande – PB. A escola funciona em dois turnos, manhã e tarde, em prédio próprio, com cinco salas de aulas, dois banheiros (um masculino e outro feminino) para os alunos e um privativo para os funcionários, e um pátio onde são realizadas as atividades recreativas. A escola possui duzentos alunos, quinze professores e oito funcionários: duas merendeiras, quatro auxiliares, uma secretária e uma diretora. No horário matutino funciona o ensino médio, com dez professores e cento e cinquenta e oito alunos. No turno da tarde funciona o fundamental, com seis professores e quarenta e dois alunos, todos moradores da localidade.

A partir das informações obtidas através de visitas à escola, constatamos que a clientela que a frequenta, em sua maior parte, pertence à classe de baixa renda e trabalham na agricultura.

3.2. INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para a realização desta análise, utilizou-se como instrumento de pesquisa questionário direcionado. Cervo et al (2007) afirma que o questionário possui uma vantagem: os respondentes se sentem mais confiantes, dado o anonimato, o que possibilita coletar informações e respostas mais reais.

A coleta dados, realizada na Escola mencionada acima, ocorreu através de visita realizada pela pesquisadora, onde foi aplicado o questionário (ver anexo), contendo dez questões, entre abertas e fechadas, para um grupo de dois professores do Ensino Médio da referida escola.

Assim, para alcançar os objetivos propostos, a pesquisa foi realizada através do referido questionário, analisando o processo e desenvolvimento de avaliação adotado pelos professores entrevistados.

Resumindo, como procedimento técnico, primeiramente, realizou-se levantamento bibliográfico objetivando contextualizar e sustentar cientificamente o tema em questão, buscando-se na literatura existente informações disponíveis sobre os conceitos que envolvem os tipos de avaliação do processo educativo no ensino médio. Desta forma, para realização da pesquisa, buscou-se um método com o propósito de cumprir com os objetivos propostos. Segundo Fachin (2003, p. 43):

O método é um instrumento de conhecimento que proporciona aos pesquisadores, em qualquer área de sua formação, orientação geral que facilita planejar uma pesquisa, formular hipóteses, coordenar investigações, realizar experiências e interpretar os resultados.

É através do método que se encontra o caminho para determinar o resultado de uma pesquisa. Assim, optou-se neste trabalho por uma pesquisa bibliográfica e de campo com abordagem analítico-descritiva.

3.3. ANÁLISES DOS DADOS E POSICIONAMENTOS

Os dados analisados foram coletados através de entrevistas junto a dois professores do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Josefa Justino Gomes, com o objetivo de conhecer melhor a prática de avaliação docente nessa escola. O questionário abrange aspectos:

A – Referente à idade dos professores: os dois professores possuem, respectivamente; 27 e 28 anos de idade;

B – Em relação ao sexo: dois são do sexo masculino;

C – O tempo que atua como professor: um atua há sete anos e o outro há dois anos;

D – Quanto à formação dos professores: os dois possuem nível superior com licenciatura em ciências e pós-graduação (nível de especialização).

Ao discutir os conceitos de avaliação da aprendizagem, relacionou-se com a prática cotidiana dos professores retomando os conceitos de Hoffmann (1993, p. 32): “avaliação deixa de ser um momento terminal do processo educativo para se transformar na busca incessante de compreensão das dificuldades do educando e na dinamização de novas unidades de conhecimento”.

Tendo como referência o pensamento da autora, o professor A percebe a avaliação como um momento que possa alterar o desenvolvimento da aprendizagem mediante os procedimentos e resultados. Nesse sentido, na perspectiva de Luckesi (1997, p. 52): “avaliação deveria ser um “momento de fôlego” na escola para em seguida, ocorrer a retomada da marcha de forma mais adequada e nunca um ponto dinâmico como, no caso, a aprendizagem”.

Na visão do autor, a avaliação deve se processar como um instrumento de identificação do nível de aprendizagem do aluno para, a partir daí, tomar procedimentos que venham melhorar a aprendizagem.

Quanto às perguntas abertas, foi questionado: “você gosta de avaliar?”

O professor A respondeu que sim, e o professor B que não. Para o professor A, “a avaliação oferece informações para sistematizar melhor o trabalho desenvolvido”. Ainda, disse o mesmo, “amo avaliar os alunos; podemos ver realmente com está o processo de aprendizagem dos mesmos”.

Sobre o tema tratado, Luckesi (1997, p. 47) diz que: “a avaliação deverá ser assumida como instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem”. Nesse sentido, a avaliação se faz necessária como parte integrante do processo de ensino e é responsável pelo acompanhamento contínuo do processo de aprendizagem do aluno, identificando seus avanços, diagnosticando suas dificuldades e ajudando a superá-las.

Quanto à questão “quem participa do processo avaliativo?”, os professores responderam que “apenas eles mesmos”. Percebe-se, assim, que a participação dos professores é predominante.

Sobre a pergunta “quando avaliam seus alunos?”, os dois professores afirmaram que avaliam diariamente. A avaliação vista, dessa forma, contempla seu verdadeiro sentido, por ser um processo contínuo e constante e que progride na mesma proporção que o processo de aprendizagem.

As respostas em relação às dificuldades enfrentadas pelos professores para avaliarem seus alunos, foram as seguintes: para o professor A a resposta foi SIM; para o professor B a resposta foi não. O primeiro informou que encontra dificuldades para avaliar seus alunos devido às turmas serem numerosas e por apresentar realidades diversas, como também o fato dos alunos “não saberem ler”.

Considerando os aspectos abordados pelos professores, percebe-se o quanto é desafiador o ato de avaliar, devido à complexidade que envolve, no entanto, esse é o caminho percorrido em que o professor avalia e compreende as condições de aprendizagem dos alunos e sua prática pedagógica adotada em sala.

Quanto aos instrumentos adotados para avaliar os alunos, os dois professores informaram que trabalham com prova oral e escrita, trabalho em grupo e individual, sendo que um deles ainda trabalha com a participação em sala de aula em todas as atividades desenvolvidas em sala. Percebe-se que os professores avaliam seus alunos utilizando vários instrumentos de avaliação, considerado positivo por lhes permitir um acompanhamento individual do aluno.

Quanto aos aspectos que os professores consideram ao avaliarem seus alunos, verificou-se que os dois professores consideram o domínio de aprendizagem do aluno, levando em conta, também, o acompanhamento, a frequência, a participação e o interesse, além da criatividade.

Como podemos observar, os aspectos considerados pelos professores são fundamentais para avaliar o rendimento escolar e superar as dificuldades dos alunos. Portanto, o acompanhamento contínuo do processo avaliativo é imprescindível para que haja aprendizagem do aluno.

Em relação ao período em que é trabalhada a “recuperação” dos alunos, foi detectado que os professores trabalham após o término de cada conteúdo, o que é considerado positivo para a aprendizagem dos alunos. Mediante a visão dos professores, percebeu-se que os conceitos abordados pelos professores a respeito da avaliação da aprendizagem são direcionados no sentido de diagnosticar e verificar a aprendizagem dos alunos, analisando continuamente o processo de ensino-aprendizagem.

Observou-se, então, que os professores A e B colocam a avaliação como um processo contínuo, e que, de acordo com o nível de aprendizagem, volta a rever de que forma vai chamar a atenção dos alunos. Assim, ao mesmo tempo em que avaliam o aluno, também avaliam o seu desempenho enquanto professor.

Na prática, os professores abordam a avaliação como um processo contínuo que busca compreender as dificuldades dos alunos, visando à efetivação da aprendizagem dos discentes. Entretanto, enfrentam problemas em relação a não participação da família nesse processo.

Finalmente, Os resultados foram positivos em relação aos objetivos propostos pelo estudo, uma vez que possibilitou a análise sobre os conceitos de avaliação da aprendizagem entre os docentes.

A importância da avaliação, nesse sentido, está na forma como ela está sendo desenvolvida na prática educativa, como seus objetivos estão sendo colocados, e de que forma os sujeitos envolvidos estão participando da ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as concepções à temática da avaliação, pode-se observar que o processo avaliativo se trata de um assunto demasiado complexo, polêmico e discriminatório. Pode-se dizer, ainda, que no percurso histórico é um processo que classifica e/ou exclui o aluno, selecionando os melhores. Por isso, a avaliação é um tema que está sempre em foco, podendo-se inferir que quando há cooperação por parte dos educadores e educados esse processo que também é de ensino-aprendizagem torna-se mais fácil de ser conduzido.

A pesquisa buscou analisar a relevância da ação avaliada e da postura dos docentes diante das situações avaliativas segundo os discursos de dois professores do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental Médio Professora Josefa Justino Gomes. Um aspecto extremamente positivo deste trabalho é que os professores foram instigados a refletir sobre a sua prática não só quanto à avaliação, mas outros aspectos que envolvem o processo de ensino-aprendizagem. Constatou-se que nas etapas de avaliação o professor deve ser o facilitador desse processo, orientando e propiciando situações que leve à aprendizagem do aluno, e que esse instrumento assuma um sentido acolhedor e se processe continuamente, questionando e reformulando as práticas pedagógicas.

Considerando os resultados da pesquisa, podemos observar que a avaliação é vista como um elemento de certas ordens regidas por uma sociedade capitalista, voltada para quantificação e exclusão dos indivíduos nas regras adotadas, e que as discussões e os aspectos abordados pelos educadores ainda se restringe aos registros como forma de controle, resultante de uma exigência imposta por um regimento que está longe de alcançar os objetivos que são necessários a uma sociedade que se pretende construir, assumindo, assim, um caráter de exclusão do indivíduo no seu contexto social, político e cultural.

Além dos questionários e após eles, os professores puderam trocar experiências em conversas informais sobre o processo de aprendizagem dos alunos e sobre a avaliação. Isso fez com que eles percebessem o quanto um trabalho dessa natureza é proveitoso, pois leva a reflexão das ações e a partir delas a autoavaliação para traçar caminhos para a melhoria da prática educativa.

Fica evidenciado que a não aprendizagem dos alunos e a falta da participação efetiva dos pais na educação de seus filhos, reflete o comportamento rebelde dos alunos, que muitas vezes não contam com um incentivo da família.

Dentre as causas das dificuldades de aprendizagem dos alunos, prevalece a teoria das péssimas condições de vida do aluno. Constatou-se também que a estrutura da escola não oferece condições adequadas para acolher o aluno e instigá-lo no processo de aprendizagem, além de não propiciar um bom desempenho do trabalho do professor.

A avaliação deve ser parte integrada do processo de ensino-aprendizagem em que o objetivo não é verificar (através de uma medição) a quantidade de informações “retidas” pelo aluno ao longo de um determinado período. A tarefa de avaliação deve começar no primeiro dia de aula. Só assim o educador poderá adquirir informações diretas, imprescindíveis e valiosas para planejar seu trabalho, utilizando-se subsídios com base num trabalho preventivo que servirá de apoio às práticas pedagógicas que, por sua vez, ajudarão a desenvolver a capacidade humana de aprendizagem.

Considera-se significativa a aceitação dos professores da pesquisa, quando declaram, nas questões abordadas no questionário, que gostam de avaliar e, em meio as discussões sobre a avaliação da aprendizagem, representando-a como um processo contínuo e qualitativo na ação educativa.

Concluiu-se que o trabalho tem se constituído como uma proposta que obteve resultados significativos no tocante ao processo avaliativo. A metodologia, a forma como foi abordado, e a participação dos professores podem ser considerados os fatores relevantes para esse sucesso.

Pode-se, enfim, afirmar que há uma necessidade muito grande do professor rever sua prática de avaliação, considerando claro, os aspectos cognitivos e socioeconômicos dos seus alunos, ou seja, considerando os aspectos mais relevantes no seu contexto.

Contudo, diagnosticamos que os professores que contribuíram com nosso estudo seguem um modelo tradicional de prática avaliativa, considerando que ambos, mesmo fazendo uso do processo contínuo de avaliação, corroboram com a centralização avaliativa na figura do docente, sem permitir que os alunos também os avaliem, prática essa imprescindível na promoção de uma avaliação recíproca que permite ambas as partes refletir.

REFERÊNCIAS

CALDEIRA, Anna M. Salgueiro. **Avaliação e processo de ensino-aprendizagem.** Presença pedagógica, Belo Horizonte, v. 3, p. 53-61, set/out. 2006.

DEMO, Pedro. **Teoria e prática da avaliação qualitativa.** Temas do 2º Congresso Internacional sobre Avaliação na Educação. Curitiba, Paraná, 2004.

ESTEBAN, Maria Tereza. **O que sabe quem erra?** Reflexões sobre a avaliação e fracasso escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. (org.) Ser professora: avaliar e ser avaliada. In: **Escola, currículo e avaliação.** São Paulo: Cortez, 2003.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **A avaliação da aprendizagem escolar.** 13 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Prática da aprendizagem escolar:** estudos e proposições. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SANT'ANNA, I. M. **por que avaliar?** Como avaliar – Critérios e instrumentos. 7 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2005.

SAUL, Ana Maria. **Avaliação emancipatória:** desafio à teoria e à prática da avaliação e reformulação de currículos. São Paulo: Cortez, 1988.

SILVA, F. J. **Avaliar... O quê? Quem? Como? Quando?** TV ESCOLA, Brasília: nº 29, p. 40-44, out/nov, 2001.

SOUSA, C. P. (org.) et al. **Avaliação do Rendimento Escolar.** 7 ed. São Paulo: Papyrus, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE I

QUESTIONÁRIO

Dados pessoais/ formação: _____

Idade: _____

Sexo: _____

Tempo que atua como professor _____

Formação () nível médio qual? _____

() nível superior qual ? _____

1. Você gosta de avaliar?

() Sim () Não

Justifique _____

2. Quem participa do processo avaliativo?

() Diretor

() Supervisor

() Professor

() Aluno

() Pais

() Outros

3. Quando você avalia seus alunos?

() Diariamente

() Semanalmente

() Bimestralmente

() Semestralmente

() Anualmente

4. Você enfrenta dificuldades para avaliar seus alunos?

() Sim () Não

Quais? _____

5. O que você utiliza para avaliar seus alunos?

() Prova oral

() Prova escrita

() Trabalho em grupo

() Trabalho individual

() Outros

Quais? _____

6. Quais os aspectos que você considera ao avaliar seus alunos?

Domínio de aprendizagem

Frequência

Interesse

Participação

Criatividade

Outros

Quais? _____

7. Antes de trabalhar a recuperação com seus alunos você revisa os conteúdos?

Sim Não

Por quê? _____

8. Em que momento você trabalha a recuperação com seus alunos?

Após o término de cada conteúdo

Após o término do bimestre

Após o término do semestre

Após o término do ano letivo

9. O que você entende por avaliação?

10. Qual a importância da avaliação?
